

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA NA LITERATURA DE BERNARDO ÉLIS: UM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA

Elis Regina da Silva Oliveira¹
SEDUC/GO
elisbalneario@gmail.com

Resumo: A loucura como manifestação social, constituída por uma rede de discursos, tem trilhado um vasto caminho nas artes em geral e em especial na literatura, de forma que muitos escritores do cânone nacional a tomaram como matéria literária, legando ao universo das letras instigantes reflexões acerca desse fenômeno. Bernardo Élis faz parte desse rol. O escritor goiano expôs as marcas das duras realidades vividas pelo homem que habitava os ermos do Brasil e, com isso, consolidou artisticamente o destino da loucura como um dos elementos-chave de interpretação das pequenas comunidades goianas em meados do século XX. Assim, esteticamente representada, a loucura passa a ser a metáfora da identidade deteriorada e o louco, por sua vez, torna-se o sujeito da diferença. O presente estudo pretende refletir acerca dos inúmeros discursos socialmente construídos em relação ao louco e à representação da loucura em dois contos da obra *Ermos e Gerais* (1944), a saber: “O louco da sombra” e “A virgem santíssima do quarto de Joana”. A partir da observação das artimanhas do narrador e da composição da personagem, objetiva-se constatar se o texto literário, em diálogo com a história, projeta-se como mecanismo de emancipação, de conhecimento do outro a partir de si mesmo, ou se reforça os estereótipos negativos dos grupos marginalizados socialmente. Diante do exposto, para a observação do modo de construção estética da personagem louca nesses contos, o presente estudo traz à tona a compreensão estética da loucura como importante meio de expressão, capaz de representar a vida social do homem através dos séculos. Para tal empreitada, este estudo tomará como base os pressupostos filosóficos de Michel Foucault sobre a loucura, em diálogo com a História da Loucura, com as teorias da identidade, da representação social e da narrativa. No projeto estético de Bernardo Élis, as personagens protagonistas dos referidos contos sofrem o estigma da não aceitação social plena e, ao mesmo tempo, impulsionam o discurso da pequena comunidade sobre seus loucos, evidenciando o contraponto entre favorecidos e desfavorecidos e a crítica do escritor goiano às instituições dominadas pelo discurso hegemônico da racionalidade.

Palavras-chave: Literatura. Loucura. História. Contos. Bernardo Élis.

Palavras iniciais

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação/ UFG. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação – GEPHE.
Email: elisbalneario@gmail.com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Bernardo Élis, com a obra *Ermos e Gerais* (1944), da qual fazem parte as narrativas “O louco da sombra”, “A virgem Santíssima do quarto de Joana”, dentre outros, inicia sua carreira de escritor em livro. Pelo título é possível apreender que tipo de espaço o escritor goiano apresenta nessa obra. Um espaço sertanejo, semiurbano, geograficamente distante dos grandes centros culturais do país e, portanto, palco de exposição das agruras vividas pelos habitantes dos mais recônditos ermos e longínquos gerais da terra goiana, sob a dominação sistemática do coronelismo. Um espaço por onde circulam seres desumanizados, obrigados a aceitar o regime de subserviência e opressão a que foram submetidos. O tratamento estético peculiar dado à matéria regional e a dura exposição de seres esquecidos fizeram de Bernardo Élis um escritor de grande importância para a literatura em Goiás. Engajado nas questões sociais das pequenas comunidades do interior goiano de meados do século XX, o autor de *Ermos e Gerais* explorou esteticamente as mazelas vividas pelo povo de seu estado a partir de uma escrita de protesto, denúncia e reivindicação, ratificada pelo próprio escritor em depoimento quando diz que tentou “fazer da literatura uma arma de denúncia” (ÉLIS, 1987, p. 95). No entanto, esse viés político-ideológico, mais à esquerda, não fez de Bernardo Élis um “sociólogo impertinente nem demagogo proselitista” (LIMA, 1966, p. 24), mas um escritor que, artisticamente, focalizou as imagens verossímeis de seres desumanizados. Numa fusão entre tragédia e comédia, Élis teceu o emaranhado das relações humanas e a situação sociocultural de sua gente.

Diante disso, o presente estudo propõe a leitura dos contos “O louco da sombra”, “A Virgem Santíssima do quarto de Joana”, publicados no livro *Ermos e Gerais* (1944). A leitura ancora-se numa perspectiva sócio-histórica articulada aos elementos estéticos dos estudos literários. A escolha dessas narrativas se justifica pelo fato de construírem uma imagem literária da insanidade por meio de representações da realidade social brasileira de pequenas comunidades interioranas - segunda metade do século XX, período de publicação do referido livro. A partir dessas considerações, o esforço aqui empreendido consiste na análise das artimanhas do narrador e da composição da personagem, objetivando constatar se esses textos se projetam como mecanismos de emancipação, de conhecimento do outro a partir de si mesmo, ou se reforçam os estereótipos negativos dos grupos marginalizados socialmente. Para tanto, examina-se, também, o modo como a loucura se apresenta em relação ao discurso hegemônico da racionalidade e, por sua vez, daquele que se diz sensato e, conseqüentemente, não louco. Procura-se também examinar como os loucos de *Ermos e Gerais* se transformam

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

esteticamente na metáfora da identidade deteriorada Conforme o filósofo francês Michel Foucault (1999, p. 150), “a loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas e da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam”. A par desse pressuposto, pretende-se, também, investigar como o texto literário de Bernardo Élis constrói a imagem da insanidade e da alteridade do louco e como a sociedade se revela e de que forma revela suas fraquezas, mazelas, no discurso que elabora sobre o louco.

A fim de antecipar a viagem do leitor pelas páginas dos contos selecionados para este estudo e familiarizá-lo com a imagem de loucura construída ao longo das narrativas, serão apresentadas aqui, ainda que sumariamente, as tramas vividas por Luiz e Joana, os protagonistas das narrativas em análise. O enredo dos dois contos é direto, sem grandes inversões ou anacronias, porém possui uma complexidade instigante, capaz de demonstrar literariamente o olhar de pequenas comunidades interioranas a respeito do louco e da loucura. E de como esse modo de olhar o louco é revelador das fragilidades do próprio grupo social.

No conto “O louco da sombra”, a ação se inicia na casa de Luiz, situada numa fazenda. O narrador personagem, um viajante, chega a esse local já de noite e pede abrigo. À medida que a noite “entrava pé-ante-pé na varanda, como um ladrão terrível, a casa caía vagarosamente numa escuridão completa” (ÉLIS, “O louco da sombra”, p. 103), deixando o narrador incomodado com a falta de claridade. Ao propor ao coronel Carlos, o pai de Luiz, a possibilidade de acender uma vela que trazia na bagagem, rispidamente a proposta fora negada o que o obrigou a procurar o quarto para tentar dormir, apesar do medo. Já bem tarde, não suportando a escuridão do ambiente, o narrador acende uma vela e para sua surpresa e terror o quarto é invadido por um vulto humano alto, soltando um grito atroz, tentando agarrar a sombra que se fixava na parede. Era Luiz. Contrariado com a desobediência do narrador, seu Carlos energicamente o expulsa de sua casa. Tentando encontrar uma resposta para aquele fato, o narrador pede pouso em mais três lugares, e, só no terceiro, no rancho do preto, é que descobriu o que levava Luiz à insanidade: a prática de incesto. Segundo o preto, seu Carlos chegara para aquele povoado com o filho Luiz e uma mocinha, a Margarida, apresentada pelo coronel como a filha de uma parenta de Paracatu, porém de acordo com a informação do preto, a moça na verdade era filha de seu Carlos. A aproximação entre Luiz e Margarida fora proibida pelo pai. Todavia, o casal foge para se casar, violando assim um interdito: a união conjugal entre irmãos. Para o preto, tal prática levava Luiz à loucura, um “castigo dos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

inferno”, assim sentenciou o negro. (ÉLIS, “O louco da sombra” 1987, p. 106). O narrador, porém, esclarece que a causa da insanidade do rapaz tem sua origem com a morte da amada. Em “A Virgem Santíssima do quarto de Joana”, o narrador se apresenta em terceira pessoa e, a partir de uma onisciência interpretativa, capta as mais terríveis dores e os mais profundos sentimentos da protagonista Joana, que vivia de favores na casa do coronel Rufo. A loucura dessa personagem é consequência da cisão de classe social, que se delineia no meio semiurbano, e também dos desmandos praticados pela família Rufo. Joana viera da roça para trabalhar na casa do coronel. Além das atividades domésticas, com o passar do tempo, a moça se tornara também objeto dos deleites sexuais de Dedé, o filho do coronel. Grávida, Joana fora abandonada pela família de Dedé e obrigada a se casar com o coveiro, uma figura estranha, rodeada de mistérios, um homem identificado como “o comedô de anjinhos”. Tais acontecimentos, somados à morte do filho, vão construindo a trajetória de loucura da protagonista e por fim a sua morte.

No projeto estético de Bernardo Élis, Luiz e Joana sofrem o estigma da não aceitação social plena e, ao mesmo tempo, impulsionam o discurso da pequena comunidade sobre seus loucos, evidenciando o contraponto entre favorecidos e desfavorecidos e a crítica do escritor goiano às instituições dominadas pelo discurso hegemônico da racionalidade. É por essa via que esta caminhada se principia.

Loucura, História e Literatura: intersecções

A presença da loucura na literatura, conforme Foucault (2005), teve sua gênese na antiguidade grega. Na obra de Homero, por exemplo, o herói está sempre à mercê de uma força externa a ele que, desprovido vontade própria, age muitas vezes de forma insana, mediante os caprichos dos deuses. Da mesma forma, nas tragédias gregas, a temática da loucura também é recorrente. Independente do gênero textual seja poema épico ou tragédia, os conflitos vivenciados pelas inúmeras personagens retratam “a vida humana com seus dramas e aberrações” (PESSOTTI, 1994, p. 23). Avançando um pouco mais na história da insanidade, sob a ótica da história, das artes e da literatura, encontra-se, em pleno Renascimento, a coexistência de duas experiências da loucura: a experiência trágica e a crítica. Essas duas formas de representar a loucura mantiveram diálogos até determinado momento do período citado, quando rompem definitivamente no século seguinte. Essa ruptura significou para

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Foucault um mergulho no silêncio, “abrindo, na unidade profunda da loucura, um vazio que não mais será preenchido” (FOUCAULT, 2005, p. 27).

A primeira experiência da loucura, a trágica, tem a força da revelação e fala da “estranha alquimia dos saberes, das surdas ameaças da bestialidade e do fim dos tempos”. Nessa experiência, a loucura apresenta livremente o seu próprio discurso. Não se submete à verdade e à razão e por isso se permite falar “do onírico, do irrisório, do irreal ou do real modificado” (MACHADO, 2000, p. 28) como elementos de revelação do destino secreto do homem. Essa experiência trágica se apresenta no silêncio das imagens dos quadros de Bosch, Brueghel, Thierry Bouts, Dürer, dentre outros. No trabalho artístico desses autores, a loucura está ligada ao homem, a suas fraquezas, a seus sonhos e a suas ilusões e tem a força primitiva de revelação: revela o onirismo como real, o delírio da destruição pura, o segredo profundo que vai se abolir a verdade do mundo de aparência (FOUCAULT, 2005, p. 24-27).

A experiência crítica da loucura, em oposição à trágica, tem como prioridade os saberes racionais. Nessa experiência, a loucura não fala por si, mas é falada pelo homem letrado, ou seja, pelo homem de razão. A racionalidade desse discurso mantém a loucura à mercê de críticas morais que a concebem como ilusão ou sonho. Aos olhos do sábio, a insensatez, por mais sábia que toda a ciência, deve-se submeter à sabedoria para quem ela é loucura. Nesse caso, a loucura “pode ter a última palavra, mas não é nunca a última palavra da verdade e do mundo; o discurso com o qual se justifica resulta apenas de uma *consciência crítica do homem*” (FOUCAULT, 2005, p. 28. grifos do autor).

Essa experiência está no universo do discurso e dirige sua força crítica contra a pretensão humana. Brant, Erasmo e toda a tradição humanista são representantes desta forma de experiência da loucura. Aos olhos do homem racional este é um saber inacessível e consequentemente aterrorizante, sendo apreendido em apenas algumas figuras fragmentárias e fugidias. O louco, porém, capta esse saber em sua parvoíce inocente e “o carrega inteiro em uma esfera intacta: essa bola de cristal, que para todos está vazia, a seus olhos [do louco] está cheia de um saber invisível” (FOUCAULT, 2005, pp. 20-21), pronto para revelar, trazer à tona os desejos mais primitivos e as determinações mais prementes do corpo do homem “normal”.

Nesse caso, o louco, inicialmente concebido como estranho para o outro, na verdade é paradoxalmente familiar. É um espelho que reflete o encoberto, a loucura pessoal desconhecida. Shakespeare e Cervantes também apresentaram a loucura fora dos limites

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

impostos pela verdade e pela razão. Tanto nas tragédias de Shakespeare quanto em *Dom Quixote*, obra magistral de Cervantes, a loucura ocupa um lugar privilegiado, operando sobre o dilaceramento e sobre a morte. Nas obras desses e de tantos outros autores ao longo da história, os problemas da sexualidade, da loucura e da ausência de linguagem ganham importância, sendo, portanto, uma “experiência limite” de valorização da voz do louco, numa linguagem que transpõe as leis do discurso racional e questiona valores suprimidos pelo longo período clássico em que a loucura teve sua liberdade imaginária arrancada e silenciada.

Enquanto que para o meio social “normal”, as figuras da loucura causam repulsas e medos, artisticamente, porém, adquirem imperiosa relevância porque apresentam em sua conduta os questionamentos dos valores culturais e históricos implicitamente presentes em cada espaço social. Os contos em estudo estabelecem pontos de similaridade e o diálogo se torna possível pela reunião de alguns elementos comuns entre eles e também pela divergência de outros, por exemplo, a questão da segregação, que no conto “O Louco da Sombra” adquire o formato de proteção familiar e a representação da loucura em personagem feminina em “Virgem Santíssima do Quarto de Joana”. A ambientação da loucura e o trabalho discursivo de segregação da insanidade formam o tripé desse diálogo. A partir destas considerações, verificar-se-á nessas narrativas o trato dado à questão da alteridade sob o olhar da racionalidade hegemônica, nesse caso, daquele que se diz não louco.

Olhares sobre a loucura: os percursos de Luiz e Joana

As comunidades representadas nos contos em questão trazem elementos da cultura popular e, com isso, revelam como a sociedade da época, localizada nos confins do Brasil, para usar os termos de Bernardo Élis quanto à geografia de Goiás, percebiam a loucura e o louco. Ambientadas em vilarejos, sob o forte comando de coronéis, as narrativas em questão estão impregnadas de preconceitos em relação à figura do louco que perde a condição humana e adquire aspectos de animalidade. As protagonistas das tramas sofrem esse estigma. Luiz é caracterizado como o louco da sombra. Em relação à personagem Joana, Luiz recebe um tratamento diferenciado por parte da família em virtude de sua mania de perseguir a própria sombra. Por esse motivo, o rapaz é obrigado a permanecer trancafiado em um quarto escuro, a vagar por esse ambiente em forma de “um vulto truncado [...] como uma sombra da sombra noturna. De vez em quando dava uns grunhidos trágicos” (ÉLIS, p. 103). Joana, por sua vez,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma menina tímida, moça da roça, de acordo com informações do próprio narrador, fora levada para a pequena cidade para executar atividades domésticas na casa do coronel Rufo. Seduzida por Dedé, o filho do coronel, Joana fica grávida. A incompatibilidade de classes sociais faz da moça um estereótipo da marginalização. Entregue à própria sorte, Joana é forçada pelo coronel a se casar com o temível coveiro. Eis o princípio da loucura de Joana.

As protagonistas dos contos “ocupam um espaço que foge a um padrão de normalidade instaurado pela sociedade” (MARIA, 2005, p.244) e ao transgredirem esse padrão atraem sobre si o olhar coletivo carregado de desconfiança. Por esse motivo, perdem o direito de expressão, ou melhor, de falarem por si e assumem a condição de bode expiatório, carregando consigo os pecados de todos. Contra eles se permite descarregar práticas violentas de castigos tanto físicos quanto psicológicos, representados por prisões, xingamentos e abandono. No desenrolar das narrativas, as personagens principais, Luiz e Joana, permanecem no anonimato. Enquanto anônimos são classificados no interior da comunidade em que vivem como diferentes e anormais, por isso, tornam-se centros de atenção e motivos de vergonha para o próprio meio social. Nessa instância de convivência, operam-se imediatas comparações entre indivíduos com base em critérios de comportamento e de linguagem. Os protagonistas dos contos em estudo tanto no comportamento quanto na linguagem destoam-se do padrão estabelecido pelas regras do sujeito razoável. Esse fato promove o julgamento e a punição do diferente, uma vez que este passa a constituir a negatividade que aos olhos da razão hegemônica transforma o sujeito “anormal” ao nada e assim, o olhar sobre a loucura e, inclusive, o olhar da loucura, bem como o discurso sobre a loucura e o discurso do louco, conjugaram-se com uma ambiência na qual se selou, com consideráveis consequências, o destino dos insanos: incapazes, irracionais, estranhos, perigosos, degenerados [...] imprevisíveis (RIBEIRO, 2003 p. 99).

Com destinos peculiares, Luiz, “protegido” pelo pai para preservá-lo do olhar alheio, Joana, vítima de uma estrutura social perversa, são apartados do convívio em sociedade. Vítimas do preconceito à loucura e ao louco, os protagonistas fazem emergir em pleno século XX uma realidade sócio-histórica que expurga os insanos de seu contexto. Prática comum na sociedade do final da Idade Média e no período de longo silenciamento clássico, efetivado com a grande internação. A representação do imaginário da loucura enraizado em concepções medievais e clássicas ratifica a tese formulada pelo autor Bernardo Élis do isolamento de Goiás e do atraso sociocultural em que viviam os habitantes destes ermos e gerais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As protagonistas dos contos em análise levam o leitor a tomar conhecimento da realidade sociocultural do período representado. Um tempo com características peculiares de compreensão da loucura próprio da época clássica. Bernardo Élis retoma esse tempo e representa meios semiurbanos dos ermos de Goiás em pleno século XIX ainda com resquícios do que fora a perseguição e clausura da insanidade, a exclusão do louco, concebido como o outro no sentido da exceção na época da grande internação. O perfil do insano nesse contexto se projeta sobre o espaço exterior e “o relacionamento que o define entrega-o totalmente através do jogo das comparações objetivas, ao olhar do sujeito razoável” (FOUCAULT, 2005, p. 183). Desse modo, entre o louco e o sujeito que pronuncia “esse aí é um louco” estabelece-se um enorme fosso e uma perigosa fragilidade entre as relações sociais.

A partir do exposto, os contos em questão apresentam o discurso construído pela racionalidade, isto é, pelo olhar do não louco acerca do fenômeno da loucura e por sua vez da alteridade, como pode ser comprovado na seguinte passagem do conto “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana”, “o médico logo disse que era um caso liquidado que ela [Joana] estava louca [...] era um caso de alienação mental dos tecidos aracnoides do encéfalo” (ÉLIS, 1987, p. 112). Esse discurso racional acaba por impedir a propagação da fala do louco. Todavia, é interessante ressaltar que a percepção da alteridade se projeta na construção de uma rede discursiva em torno desse objeto social, demonstrando a fragilidade dos grupos tidos como normais em relação aos denominados loucos. Por não terem voz, as personagens mencionadas são identificadas como o outro do discurso, aqueles de quem se fala, são, portanto, os excluídos, perseguidos, tendo como destino final as grades, sejam elas da cadeia, do asilo ou da própria casa.

Cerceados de sua liberdade tanto física quanto de expressão, esses outros, nesse caso os referidos protagonistas, sofrem o estigma da exclusão e passam a ser o bode expiatório da comunidade onde vivem. E a justificativa para tal ação deve-se ao não compartilhamento do diferente com os códigos morais impostos em seu meio social, o que desqualifica não só a pessoa louca, mas também aqueles que dela se aproximam. Os protagonistas dos contos “ocupam um espaço que foge a um padrão de normalidade instaurado pela sociedade” (MARIA, 2005, p.244) e ao transgredirem esse padrão atraem sobre si o olhar coletivo carregado de desconfiança. Por esse motivo, perdem o direito de expressão, ou melhor, de falarem por si, carregando consigo os pecados de todos. Contra eles se permite descarregar

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

práticas violentas de castigos tanto físicos quanto psicológicos, representados por prisões, xingamentos e abandono.

No caso de Luiz, o filho do coronel, a prisão é familiar. Confinado num quarto escuro, o protagonista torna-se passivo, aceitando a situação de silêncio imposto pela família, uma forma de esconder socialmente o problema da loucura de Luiz que se tornara motivo de vergonha. O papel desempenhado pela família do louco da sombra remonta à reorganização das relações entre loucura e razão no final do século XVIII. Conforme Foucault (2005, p. 484), sob a tutela da família alienam-se os direitos civis do insensato, “situação psicológica onde se aliena [também] sua liberdade concreta”. Nesse sentido, a loucura é condenada sumariamente pela razão que a julga e pune, submetendo-a a situação de cerceamento da liberdade sob o pretexto de proteção patriarcal, como acontecera com Luiz. Já no conto “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana”, a protagonista fica louca após ser obrigada a conviver com o temível coveiro. Aliado a esse fato, está a repulsa ao filho que espera do coveiro e a morte do filho de Dedé. A construção simbólica da união com Bento, o coveiro, conduz o desfecho do conto para uma situação limite, transposta apenas com a morte de Joana. O fim trágico da protagonista demonstra a cisão de classes sociais, patrão x empregado, que já se delineia naquele meio semiurbano.

Explorada durante dezesseis anos nos trabalhos domésticos, sem o direito de receber “um só vintém” pelos serviços prestados, vestindo resto de roupa, calçando chinelo velho dos filhos do coronel, Joana também era objeto do deleite sexual de Dedé que lhe havia prometido uma vida em família. Toda essa situação, aliada à passividade da protagonista promove a decadência de Joana. Assim, a prática cotidiana de entrega a Dedé não supera o distanciamento social que ora se consolida entre empregada e filho do patrão, mas reforça o domínio de uma sociedade racionalmente opressora que transforma a loucura na imagem da humilhação, como pode ser observado logo no início do conto. O narrador apresenta a protagonista “agachada num canto da sala de chão úmido, com o cadáver de uma criança nos braços” (ÉLIS, 1987, p. 112) na iminência da morte. Ali jogada numa agonia insana, não é reconhecida pelo médico Dedé a quem ela se entregara em troca da promessa de casamento. Ao perceber a mulher naquela situação, o médico apenas sentencia que aquele era um caso liquidado de “alienação mental dos tecidos aracnóides do encéfalo”. A “tirada cientificamente estúpida” que nem mesmo o médico entendia, confere a Dedé o status de “delegado da razão” (FRAYZE-PEREIRA, 1985, p. 100) e reforça a supremacia do discurso científico sobre a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

loucura, configurando-a no interior da sociedade como doença mental. Foucault, ao construir a arqueologia da loucura, fala do poder médico, historicamente instituído pela racionalidade da psiquiatria sob a perspectiva do julgamento e da vigilância.

Conforme o filósofo (2005, p. 481), na comunidade dos homens razoáveis, o louco é percebido como anônimo, um visitante do desconhecido, “atraído para a superfície de si mesmo através de uma personagem social cuja forma e máscara lhes são impostas, silenciosamente”. O médico como o vigilante da razão assume o poder de silenciar o insano, privando-o de humanidade, tal como faz Dedé a Joana. Nesse ponto, Foucault (2005) alerta que numa sociedade regida pela efetivação de estereótipos. Assim, a loucura é o primeiro passo para a morte. Dessa forma, Joana, em toda a narrativa, é reduzida ao não ser, incapaz de esboçar qualquer resistência à situação que lhe é imposta ou até mesmo de defender-se, tarefa realizada pelo narrador. Não há saída para Joana, a não ser a morte.

Ao trazer para o espaço estético do texto a questão da loucura, Bernardo Élis reveste-a de um sentido político, ideológico, fazendo com que a discussão em torno do louco se transfira do campo da interioridade para o da cultura (FRAYZE-PEREIRA, 1985). Nesse sentido, o autor de *Ermos e Gerais* apresenta em suas narrativas a loucura como uma maneira de conhecer um “outro modo de exploração empírica dos mundos tanto interior como exterior” (COOPER, 1978, p. 153).

Considerações finais

A compreensão do fenômeno da loucura pelo viés da literatura, numa perspectiva foucaultiana e histórica, foi o ponto de partida deste estudo para se chegar às possíveis descobertas a respeito da intrínseca relação entre a criação literária e a insanidade. No início do percurso ficou provado que a loucura, como manifestação social e, portanto, parte da realidade humana, constitui-se em uma importante temática para o fazer literário, tanto é que o filósofo francês Michel Foucault (2005) partiu basicamente das obras literárias para tecer a arqueologia da insanidade ao longo do período clássico, oferecendo ao leitor um meio de conhecer determinada realidade sócio-histórica. Artisticamente representada, a loucura se transforma num elemento-chave de interpretação de determinado contexto e nas páginas do texto literário ela diz mais do que aparenta sua conduta, linguagem, gestos. Construída por

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

símbolos pertinentes a cada cultura ou sociedade, a loucura encontrou na literatura espaço privilegiado de representação.

Nesse sentido, como um fenômeno social, a temática da loucura também é recorrente na obra *Ermos e Gerais* (1944), do escritor Bernardo Élis. Atuando como mecanismo de denúncia, a loucura na referida obra emerge como símbolo máximo da alteridade e assume a condição de metáfora da identidade deteriorada. Nessa perspectiva, é possível perceber que nos contos “O Louco da Sombra” e “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana” há uma relação de tensão entre o Eu, aquele que se diz sensato, e o Outro, o marginalizado. Essa tensão pode ser percebida na proteção excessiva do coronel Carlos, de “O Louco da Sombra”, para com o filho, com o intuito de resguardá-lo da curiosidade alheia. Pode ser encontrada também nas ações excludentes do coronel Rufo, do conto “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana”, para com a protagonista, na tentativa de limpar a honra da família.

Com a leitura e análise das narrativas, depreende-se que a loucura representada nos textos desvenda a “verdade elementar do homem, [reduzindo-o] a seus desejos mais primitivos, a seus mecanismos simples, às determinações mais prementes de seu corpo” (FOUCAULT, 2005, p. 512). Nesse caso, ao focar a personagem louca, demonstrando as agruras vividas por ela, o texto literário de Élis se projeta como mecanismo de conhecimento do Outro a partir de si mesmo. O Outro, nesse caso o louco, torna-se a figura máxima da alteridade em relação ao sujeito da razão.

Nesse sentido, nos dois contos, a representação da personagem louca se dá de modo evasivo, enigmático, ambíguo. Não é possível compreender os anseios, nem descobrir a real causa da loucura de Luiz. O ambiente nebuloso criado em volta do rapaz reforça algumas especulações do narrador que também busca uma resposta para tal problema. Seria castigo divino pela prática e incesto, como afirmara o negro em estado de embriaguez, ou desespero pela perda da amada? É justamente essa incerteza, gerada pela busca da causa da insanidade de Luiz, que consolida o universo de sombra, metaforicamente construído para dar conta da fragilidade das relações humanas num espaço fortemente marcado pelo isolamento político, social e econômico.

Com base no pressuposto do filósofo francês Michel Foucault, de que “a loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas e da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam” (FOUCAULT, 1999b, p. 150), o projeto estético de Bernardo Élis em representar a loucura no interior de uma sociedade racional, sã, propicia ao

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

leitor a percepção dos inúmeros discursos excludentes da razão cuja base está na homogeneização das diferenças e na segregação daqueles que não se ajustam às regras impostas pelo homem racional.

A temática da loucura como motivo de vergonha, em “O Louco da Sombra”, associada às ações do coronel Rufo contra Joana, de “A Virgem Santíssima do Quarto de Joana”, consolida a imagem da insanidade e da alteridade do louco como um ser “estragado, diminuído”, sem identidade, sem perspectivas de aceitação no grupo social. Ao mesmo tempo em que essa imagem vai se consolidando na criação artística de Élis, o leitor entra em contato com o modo como a sociedade lida com seus loucos, reconhecendo nas atitudes do sujeito da razão as ações excludentes praticadas contra o diferente. Enfim, a partir de uma escrita peculiar, a produção literária de Bernardo Élis efetiva o contato entre literatura, história e sociedade.

Referências

- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios).
- CANDIDO, Antonio Mello e Souza. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- COOPER, David. *A linguagem da loucura*. Trad. de Wanda Ramos. Lisboa: Presença, 1978.
- ÉLIS, Bernardo. *Obra reunida/Bernardo Élis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. Vol.1,3,4. (Coleção Alma de Goiás).
- FOUCAULT, Michel. *A loucura, a Ausência da Obra*. Coleção Ditos e Escritos I; organização: Manoel de Barros; Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- _____. *História da Loucura na Idade Clássica*. Trad. de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. *O que é loucura*. São Paulo: Brasiliense Abril Cultural; 1985.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- _____. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. de Dante Moreira Leite. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LIMA, Herman. Bernardo Élis. In: *Veranico de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MARIA, Luiza de. *Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- PESSOTTI, Isaias. *A loucura e as épocas*. São Paulo: Ed. 34, 1994.
- _____. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- _____. *Miragem da literatura, ditadura da imaginação*. Cult revista brasileira de literatura. São Paulo, n. 7, p. 58-62, 1998
- RIBEIRO, Alexandre Simões. “Loucura, cidadania e subjetividade: confluências e impasses”. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza v. 3, nº. 1, mar. 2003, pp 97-104.